

Salvador, 18 de novembro de 2022

Cara Rosaura,

Espero que esteja bem (e os colegas de curso também)!

Finalmente encontrei tempo para finalizar a carta de avaliação do Curso de Aperfeiçoamento Teórico-metodológico (comecei no dia 29 de julho, há mais de três meses...), descrevendo o que chamarei de **Reflexões sobre obviedades**. Escolhi esse termo porque durante o curso as discussões me traziam reflexões incríveis, mas ao mesmo tempo eu me perguntava: "Isso é tão óbvio, como não tinha pensado antes? Porque nunca fiz essa relação?". Então, sou a prova de uma coisa que você sempre diz (e algumas outras pessoas que admiro também): o óbvio nem sempre é tão óbvio assim e precisa ser dito.

Não tratarei de cada encontro cronologicamente, mas a sequência de reflexões de certa forma seguirá a linha temporal dos mesmos. Também relacionando pontos afins, mesmo que tenham sido discutidos em encontros diferentes. A exceção será o único encontro no qual estive ausente e tive acesso através da gravação, que será discutido por último. Para cada reflexão, dei um título que me veio à cabeça à medida que escrevia sobre ela. Alguns são frases populares, outros trechos de músicas que surgiam na minha mente durante a escrita. Peço desculpas desde já, mas no meu pensamento um tanto quanto caótico cabe de tudo um pouco.

Reflexão 1: Para quem não sabe para onde vai, qualquer caminho serve.

O que faz de uma formação um momento potente e profícuo? Para mim, mais do que nunca, ficou evidente que é a metodologia utilizada pelo formador no trabalho com o grupo. O tema pode ser maravilhoso, o tempo adequado, o material encantador, mas se o formador não souber a melhor forma de provocar e conduzir as reflexões, tudo poderá ser apenas "coisa de momento". E esta escolha deve conversar com todos os outros elementos que compõem uma formação, já citados acima. Inclusive, a metodologia pode ser um dos grandes aliados do formador na hora de driblar o cansaço, o curto tempo ou as tantas intercorrências que se apresentam, principalmente no contexto de uma escola, tratando aqui especificamente do trabalho do coordenador pedagógico. Corroborando com esse ponto, a querida colega Susana pontuou a importância de conhecer o grupo formativo e suas demandas, buscando informações de quem são esses sujeitos, de onde vieram e quais suas aspirações com a formação. Esses elementos são primordiais para se pensar uma metodologia que atenda tanto ao teor da formação quanto ao perfil do grupo. Ser formador é estar com um olho no peixe e outro no gato.

Reflexão 2: Faça o que eu digo, não o que eu faço

A provocação inicial feita por você me fez entender mais do que nunca que os “ricos discursos” dos formadores precisam estar sempre acompanhados (ou pelo menos deveriam) de práticas igualmente ricas. E nesse contexto as experiências pedagógicas/formativas precisam ser devidamente registradas para servir de exemplo desenvolvido, avaliado, validado e possível de ser revisitado, revisado, ajustado e ampliado.

Ficou evidente para mim, que não atuo com formação, que existe uma grande dificuldade em desenvolver formações potentes a partir de materiais que não atendem as necessidades dos professores (enviados pelas secretarias de Educação ou comprados por gestores de escolas privadas que entendem muito pouco ou quase nada dos processos pedagógicos e formativos). É uma luta hercúlea que precisa de muita clareza para despertar nos professores a análise crítica desses materiais e as formas de adaptá-los ou, na pior das hipóteses, ignorá-los de forma sutil (ou nem tanto, a exemplo da Rede Municipal de Salvador quando rejeitou em massa e publicamente o Programa Alfa e Beto, comprado pela gestão do prefeito ACM Negr... ops, ACM Neto)¹.

Obviamente que nem sempre isso será possível, portanto se faz mais do que necessário ter embasamento e criar estratégias para minimizar os danos. Para isso, coordenadores/professores precisam estar em sintonia para se organizar no planejamento e execução desta tarefa. Tratando dos formadores, quando contratados especificamente para abordar um material específico, acredito que há de se criar estratégias para oferecer “rotas de fuga” travestidas de sugestões de ampliação das possibilidades de trabalho. As crianças agradecem!

Reflexão 3: Se não vai ajudar, pelo menos não atrapalhe.

Sobre os gestores, uma das melhores reflexões que fiz durante esse percurso formativo partiu da sua fala sobre a constante ausência dos gestores administrativos (diretores das escolas) nos processos formativos, o que muitas vezes faz do formador (e coordenador pedagógico especificamente), um guerreiro solitário. Se o gestor não se envolve com as reflexões, com a formação, se não compartilha com o que está sendo discutido e pensado com os professores, será incapaz de valorizar ou priorizar os momentos formativos. Há ainda um risco de se instalar um “cabo de guerra”: cada um vai numa direção e o professor fica paralisado, sem saber para onde ir. Na hipótese mais

¹ Programa comprado na primeira gestão municipal de ACM Neto e que se baseava no tradicionalismo das cartilhas, com famílias silábicas e ênfase no método fônico.

crítica, segue o gestor, afinal ele “manda”. Essa situação cria um ambiente desfavorável e leva o coordenador a assumir a posição de resistência velada (ou explícita, desde que tenha apoio do grupo de professores) ou de submissão. Na hipótese mais drástica, ele é desligado ou pede desligamento da instituição.

Ainda sobre o papel do gestor no processo formativo, outro desdobramento que ficou evidente para mim é que uma das principais dificuldades apontadas pelos formadores/coordenadores (e que vejo na prática na minha escola) é a gestão do tempo diante das demandas que se apresentam no cotidiano das escolas. A identidade destes profissionais é sempre fragilizada pelas demandas (por vezes externas) e o uso do tempo pedagógico dividido entre muitas tarefas que não fazem parte das suas reais atribuições. Se isso acontece, é com a anuência da gestão administrativa, mostrando assim mais uma vez a importância do engajamento desses profissionais nos processos de formação. Além desse ponto especificamente, gestores que tem domínio da proposta pedagógica de suas unidades poderão, inclusive, identificar ideias discrepantes e colaborar para fortalecer o processo formativo dos profissionais que estão sob sua gerência, bem como o tempo, os espaços e materiais que fazem parte da rotina da escola.

Reflexão 4: Somos quem podemos ser

Quando reflito sobre o formador/coordenador assumindo a posição de resistência, vem à tona uma questão básica: acolher e mediar uma formação precisa ter como premissa o fato de que o educador (e o formador, claro) mora dentro de uma pessoa. Isso leva a um maior reconhecimento entre os pares, um acolhimento mútuo que cria o ambiente favorável ao enfrentamento coletivo dos desafios impostos. Em um dos momentos de trabalho nos pequenos grupos, a discussão trouxe à tona a dificuldade de desenvolver uma metodologia dialógica no processo de formação, uma vez que a ideia de que o formador é quem vai repassar o “conhecimento” continua forte no imaginário dos professores, bem como a crença de que suas vivências, pessoais e profissionais, são irrelevantes na formação. Essa (des)construção precisará ser feita durante a jornada formativa, devendo ser ponto fundamental na organização das pautas. Além disso, essa percepção de enxergar o outro em sua inteireza, além do papel social que ele desempenha naquele espaço, possibilitará aos professores entender que o aluno também moram dentro de uma pessoa e precisa ser acolhido da mesma forma.

Estabelecer a melhor forma e momento dentro da formação para que formadores/coordenadores/professores troquem entre si experiências pessoais e profissionais que constituíram seus caminhos formativos, relacionando-as com suas práticas pedagógicas, pode proporcionar um alinhamento de ideias, o estreitamento das relações e histórias de vida, bem como a afinidade profissional entre estes sujeitos. E isso pode fazer do momento formativo um verdadeiro espaço de trocas e aprendizados, não

só pela fala, mas pelos exemplos, porém, exige do profissional à frente da formação objetividade na proposta e uma boa gestão de tempo, para que não se torne (também, mas não apenas) uma terapia coletiva. Nesse ponto, nossa discussão em grupo para preparar uma pauta formativa nos mostrou que não é tarefa simples, pois requer principalmente assertividade e precisão, mas também não é impossível. Conhecer os sujeitos e as suas expectativas é fundamental para construir uma “proposta ajustada às necessidades dos sujeitos” (essas palavras tem poder!).

Reflexão 5: Você bem sabe, eu não lhe prometi um mar de rosas

Algo que foi também discutido durante nossos encontros e se mostrou primordial é estabelecer o limite entre acessibilidade profissional e amizade, ou seja, ter real noção dos limites entre a relação pessoal e a profissional, principalmente nos contextos que envolvem coordenadores e professores. Se por vezes o professor enxerga o coordenador/formador como um ser inacessível, noutras leva o “coleguismo” ao pé da letra, não dando a importância devida às orientações e solicitações do profissional com o qual trabalha. Essa é uma linha quase sempre tênue, difícil de se enxergar, e por isso é importante que seja claramente estabelecida, evitando assim alguns conflitos. O colega Fernando trouxe como exemplo disso a fala dos alunos que às vezes perguntam se as propostas dos professores são “pra valer” (como se algumas tivessem validade e outras não), comportamento adotado por alguns professores que também questionam as propostas do coordenador/formador, relativizando-as (ou ignorando-as) por não enxergarem nelas – ou por não entenderem – sua real importância. É muito pertinente evidenciar na relação entre formador/coordenador/professor o que pode ou não ser negociado, relativizado, ignorado e o que não pode, evitando assim desgastes desnecessários e a desestabilização do ambiente de trabalho.

Reflexão 6: “Uma força me leva a cantar... Essa força estranha”

A discussão sobre contrato didático feita nos pequenos grupos me trouxe muito aprendizado (antes do curso nem sabia do que se tratava). Hoje, entendo o contrato didático como a “força motriz” por trás da compreensão de cada sujeito sobre seus espaços e papéis dentro da escola. Não podemos confundir a reflexão sobre o estabelecimento dos limites entre relação pessoal e profissional de formadores/coordenadores/professores e o famigerado “pode ou não pode” dentro dos espaços educativos como sendo o contrato didático, esvaziando assim seu sentido. Por esse motivo, é algo que precisa ser discutido amplamente, estabelecendo uma percepção coletiva sobre o quê, porquê, por quem, como e quando as coisas são feitas, bem como os impactos positivos e negativos destas escolhas, necessitando assim de um

processo contínuo de reflexão e (re)avaliação acerca de sua eficiência na dinâmica escolar, tanto para os processos quanto para os sujeitos que deles participam.

Reflexão 7: “Morre e nasce trigo, vive e morre pão”

Minha percepção sobre a formação – e sobre a prática pedagógica de modo geral – mudou completamente quando Eudeiza disse, em uma de suas falas sobre processos formativos, a seguinte frase: “Não queremos mudança, queremos transformação”. Esta frase ecoou em minha mente durante e depois do encontro, me fazendo refletir sobre o real papel de uma formação. No meu entendimento era possível e suficiente a formação mudar a maneira como os profissionais organizam e executam seu trabalho. Porém, após esta fala da colega, percebo que o ideal é que a formação promova a transformação das concepções desses sujeitos (coordenadores e/ou professores) a partir do que eles já sabem e vivem, refletindo sobre o que ainda não sabem e podem fazer ou mudar. Mudar de material, de turma, de coordenador, de escola, de curso, etc. inova a visão de um professor, mas não a forma como ele enxerga as coisas (na prática, para mim, ver e enxergar significam coisas bem diferentes).

Durante minhas reflexões, me detive à palavra em si (transformação) e percebi (olha aqui uma obviedade não tão óbvia assim) que o prefixo da palavra já mostra sua profundidade: “trans” pressupõe ir além. Tratando-se de formação, esse pressuposto está intimamente relacionado com o planejamento (forma) e a execução em si (ação). Então, não importa muito se o professor vai mudar seu jeito de agir, pois se ele não muda o seu jeito de pensar, suas ações serão mecanizadas e desprovidas de qualquer reflexão sobre a importância e validade do que é feito. Fazer “porque o formador/coordenador mandou/disse que era legal”, mas não acreditar na própria ação, resulta em práticas vazias e muitas vezes contraproducentes, pois não são realizadas com desejo, com vontade de fazer acontecer.

Formação precisa resultar em transformação. A tarefa não é fácil nem tampouco rápida, mas é imprescindível que seja essa a busca de qualquer processo formativo. E nesse ponto podemos incluir tudo que tratei até aqui, pois os temas, a forma, o tempo e as parcerias pensadas para fazer as coisas acontecerem precisam convergir para este mesmo ponto. Entendo que do meu lugar (professora, e não formadora) é muito simples e até mesmo confortável afirmar tais coisas, mas meu intuito ao fazer a formação foi justamente enxergar por outros ângulos, participar do “outro lado” – ainda que como ouvinte – para que eu possa entender melhor e, da maneira que me for possível, colaborar com os processos da escola onde atuo, ou, numa outra perspectiva, construir também entre meus pares (professores) um espaço além daquele oferecido pela rede/coordenação.

Reflexão 8: Nós podemos tudo, nós podemos mais...

O segundo encontro, do qual assisti a gravação por estar ausente, me fez perceber a importância de existir um ambiente realmente formativo, em que todos participam oferecendo o que sabem, perguntando sobre o que não sabem, sem receio de expor suas dúvidas e possíveis “fraquezas” por ter a certeza que não serão julgados por suas falhas, e sim instrumentalizados para melhorar.

Formar é participar e construir junto, complementando saberes e ideias. Essa construção se dá a partir do estabelecimento e/ou fortalecimento dos vínculos entre os pares, da socialização de experiências, da comemoração das conquistas, do acolhimento das dúvidas, do trabalho para responder às questões que podem afligir a apenas um, mas passam a ser de todos.

A formação é o espaço para crescer enquanto indivíduo e enquanto profissional. O lugar para entender quem somos, quem queremos ser e o que é necessário para alcançar esse objetivo, bem como a maneira de fazer isso acontecer.

Estar em contato com colegas das mais diversas partes do Brasil, conhecer suas realidades, desafios e conquistas me tornou uma profissional muito mais atenta e sabida, como você mesma diz. E o mais importante: uma professora que reconhece todos os percalços que um coordenador/formador precisa enfrentar para realizar seu trabalho.

Obrigada, Rosaura! Obrigada colegas de formação!

Abraços fraternos,

Lua Oliver (Ionildes Oliveira)

